



ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 25/12/2024

Aceito em: 12/04/2025

Publicado em: 10/06/2025

Experiências de professoras iniciantes com práticas de leitura e escrita na Educação Infantil

Experiences of beginning teachers with reading and writing practices in early education

Experiencias de docentes principiantes en prácticas de lectura y escritura en educación temprana

*Edilma Mendes Rodrigues Gonçalves¹
Adélia Meireles de Deus²
Aurismar Ferreira de Sousa³*



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe18985>

Resumo: Este artigo aborda as experiências de professoras iniciantes acerca das práticas de leitura e escrita na Educação Infantil, a partir das narrativas produzidas por meio de questionários online. O estudo fundamenta-se em autores como Soares (2009), Brandão e Rosa (2011) e Araújo (2016), que discutem as práticas de leitura e escrita nesse contexto. Os resultados revelam que as professoras adotam abordagens lúdicas e interativas, como rodas de leitura, reconto de histórias e o uso de recursos criativos, os quais estimulam a curiosidade, a imaginação e o gosto pela leitura e escrita.

Palavras-chave: Professoras iniciantes. Educação Infantil. Leitura. Escrita.

Abstract: This article addresses the experiences of beginner teachers in reading and writing practices in Early Childhood Education, based on narratives produced through online questionnaires. The study is grounded in authors such as Soares (2009), Brandão and Rosa (2011), and Araújo (2016), who discuss reading and writing practices in this context. The results reveal that the teachers adopt playful and interactive approaches, such as reading circles, storytelling, and the use of creative resources, which stimulate curiosity, imagination, and a love for reading and writing.

Keywords: Beginner teachers. Early Childhood Education. Reading. Writing.

¹ Professora da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0466887576815724>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3727-5430>. E-mail: edilmamendes@cte.uespi.br

² Professora da Secretaria Municipal de Educação de Teresina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2500071749626492>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3906-6886>. E-mail: adelia1844meireles@gmail.com

³ Professora da Secretaria Municipal de Educação de Teresina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3879288768840202>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1770-0827>. E-mail: auriceciliassousa@gmail.com



Resumen: Este artículo aborda las experiencias de docentes principiantes en las prácticas de lectura y escritura en Educación Infantil, a partir de narrativas producidas a través de cuestionarios en línea. El estudio se basa en autores como Soares (2009), Brandão y Rosa (2011) y Araújo (2016), que discuten las prácticas de lectura y escritura en este contexto. Los resultados revelan que los docentes adoptan enfoques lúdicos e interactivos, como los círculos de lectura, la narración de cuentos y el uso de recursos creativos, que estimulan la curiosidad, la imaginación y el gusto por la lectura y la escritura.

Palabras clave: Profesores principiantes. Educación Infantil. Lectura. Escritura.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil desempenha um papel fundamental na formação integral das crianças, constituindo-se um espaço privilegiado para vivências que envolvem múltiplas linguagens e promovem o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e cultural. Nesse contexto, as práticas pedagógicas devem considerar o protagonismo infantil e criar condições que possibilitem às crianças explorar e se expressar de maneira significativa. Dentre essas práticas, destaca-se a introdução ao universo da leitura e da escrita, um elemento essencial para o desenvolvimento infantil, considerando que, desde cedo, as crianças estão imersas em contextos nos quais a escrita e a oralidade coexistem e se complementam.

Conforme Soares (2009), a convivência em ambientes centrados na escrita oferece às crianças o contato inicial com a essa linguagem, favorecendo a construção de significados e o desenvolvimento de habilidades relacionadas à alfabetização. Araújo (2023) reforça essa perspectiva ao destacar que a participação em práticas sociais de leitura e escrita na primeira infância contribui para o desenvolvimento de competências linguísticas e culturais, facilitando a transição para a alfabetização formal. Essas interações não apenas ampliam o repertório cultural das crianças, mas também promovem o processo de construção de sentido em relação à linguagem escrita.

Apesar da relevância do tema, é necessário refletir sobre as lacunas existentes na formação inicial e no apoio pedagógico oferecido aos professores iniciantes. Muitas vezes, a formação inicial não aborda de forma suficiente os desafios e as demandas específicas da Educação Infantil, sobretudo no que diz respeito às práticas de leitura e escrita. Essa perspectiva é corroborada por Kramer (2011), que aponta que a formação dos professores da Educação Infantil frequentemente não apresenta articulação entre teoria e prática, deixando os docentes desamparados frente às exigências do cotidiano escolar. Além disso,



observa-se uma insuficiência de suporte pedagógico que permita aos professores iniciantes superar dificuldades cotidianas e implementar estratégias eficazes.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo geral investigar como professoras em início de carreira experienciam as práticas de leitura e escrita na Educação Infantil. Especificamente, busca descrever as estratégias e atividades por elas utilizadas, bem como analisar suas concepções sobre a importância dessas práticas no contexto da Educação Infantil.

Para alcançar esses objetivos, este artigo está estruturado em três seções principais. A primeira, o referencial teórico, discute a importância da leitura e da escrita na Educação Infantil, o papel do professor e os desafios enfrentados na formação inicial, destacando aspectos essenciais da prática pedagógica nessa etapa. A seção metodológica detalha os procedimentos da pesquisa, caracterizada como qualitativa, de natureza descritivo-exploratória, fundamentada em narrativas. Os dados foram produzidos por meio de um questionário com perguntas abertas, elaborado no *Google Forms*, e aplicado a seis professoras iniciantes na Educação Infantil de redes de ensino de municípios do Piauí. Por fim, a análise dos dados foi realizada com base na análise de conteúdo, proporcionando uma compreensão aprofundada das experiências e percepções dessas docentes em relação às práticas de leitura e escrita.

2 LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PAPEL DAS PROFESSORAS E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO INICIAL

A Educação Infantil é um espaço privilegiado para a construção de experiências com múltiplas linguagens, fundamentais ao desenvolvimento integral das crianças. Nesse contexto, a aprendizagem da leitura e da escrita assume um papel, considerando que, mesmo antes de ingressarem na escola, as crianças já estão imersas em contextos grafocêntricos, como destaca Soares (2009). Essa exposição precoce à linguagem escrita evidencia a necessidade de práticas pedagógicas intencionais, que valorizem e ampliem essas vivências iniciais.

Entretanto, o ensino da leitura e da escrita na Educação Infantil continua sendo tema de amplos debates no Brasil, sobretudo em razão das práticas adotadas em sala de aula. Com frequência, as atividades são marcadas por uma abordagem mecanicista e desvinculada do cotidiano das crianças, tornando-se monótonas e pouco atrativas (Nogueira; Ferreira; Espíndola, 2023). Em contrapartida, há um consenso crescente sobre



a importância de oferecer experiências prazerosas e autênticas com a linguagem escrita, que respeitem a infância e favoreçam o encantamento pelas palavras (Brandão; Leal, 2011).

Nesse sentido, Araújo (2023) defende o direito das crianças de vivenciarem o universo letrado desde cedo, destacando a necessidade de integrar o ensino da leitura e da escrita às práticas culturais e lúdicas. Segundo a autora, é essencial que essas experiências estejam ancoradas em situações reais, possibilitando às crianças apropriar-se da linguagem de forma prazerosa e envolvente, sem reduzi-las a exercícios repetitivos ou desprovidos de significado.

Essa abordagem está em consonância com as orientações do Ministério da Educação, expressas no Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (Decreto nº 11.556), que inclui o Programa de Formação de Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI). Esse programa, voltado à formação continuada de docentes da Educação Infantil, baseia-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), em vigor desde 2010, que elegem a interação e a brincadeira como eixos das práticas pedagógicas e garantem às crianças experiências com múltiplas linguagens (Brasil, 2010).

Promover vivências ricas e diversificadas com a leitura e a escrita, em ambientes que instiguem a curiosidade e a participação das crianças, requer sensibilidade e intencionalidade. Para Brandão e Rosa (2011, p. 8), tais práticas devem representar “uma oportunidade de acesso e inserção das crianças na cultura letrada”. Assim, mais do que uma preparação para a alfabetização formal, essas vivências ampliam o repertório expressivo das crianças, respeitando suas singularidades e ritmos de aprendizagem. Como reforça Brandão (2021, p. 22), “não é possível fechar os olhos e fazer de conta que a questão da alfabetização é um assunto que não diz respeito à etapa da Educação Infantil”.

Soares (2009) argumenta que a alfabetização pode, sim, iniciar-se na Educação Infantil, desde que ocorra por meio de atividades que explorem o sistema alfabético de forma integrada às experiências da criança. Brandão e Leal (2011) corroboram essa ideia ao lembrar que a alfabetização é um processo contínuo, que começa muito antes do ano escolar em que se espera que as crianças leiam e escrevam convencionalmente.

O foco, portanto, deve estar na oferta de experiências autênticas com a linguagem escrita em seus diversos usos sociais, sem antecipar o ensino formal próprio do Ensino Fundamental. Trata-se de criar contextos em que o ensino da leitura e da escrita seja uma prática rica, integrada e lúdica, que respeite o direito das crianças ao contato com a cultura escrita e que promova seu desenvolvimento linguístico e cognitivo de forma relevante (Araújo, 2023).



A cultura escrita compreende um conjunto de práticas sociais que envolvem a produção, leitura e interpretação de textos nos mais variados suportes e contextos — de bilhetes e listas a livros e histórias compartilhadas oralmente (Galvão, 2016). Inserir as crianças nesse universo requer práticas que favoreçam a compreensão da escrita como parte da vida cotidiana, promovendo sua função comunicativa e expressiva.

Araújo (2023) ressalta que garantir o acesso das crianças à cultura escrita implica oferecer experiências consistentes com o modo como elas vivenciam o mundo. Isso inclui não apenas a apresentação de letras e palavras, mas a construção de práticas letradas que estimulem a leitura e a escrita de maneira integrada ao cotidiano. Como apontam Nogueira, Ferreira e Espíndola (2023), é preciso planejar o trabalho com a linguagem escrita na pré-escola de forma sistemática, sem perder de vista a intencionalidade pedagógica.

Girão e Brandão (2021, p. 42) complementam essa perspectiva:

Potencializar as interações das crianças com a linguagem escrita, assim como com as outras linguagens, constituindo-se como ambiente respeitoso com as culturas infantis e com as singularidades de cada criança e de cada contexto no qual a infância se revela. Isso significa construir tempos e espaços ricos de possibilidades em leitura e escrita, escutando as crianças, buscando compreender suas experiências dentro e fora da escola, dialogando com as suas curiosidades, mas também apresentando situações diversificadas, desafiadoras em contextos significativos e em situações de aprendizagem compartilhada entre o grupo de crianças e os educadores.

Diante dessa concepção, o papel do professor ganha centralidade como mediador entre as vivências infantis e o universo da linguagem escrita. Criar ambientes favoráveis ao uso da linguagem exige escuta atenta, observação sensível e compreensão dos contextos sociais e culturais nos quais as crianças estão inseridas. Araújo (2016) destaca que é imprescindível compreender o que significa ler e escrever na Educação Infantil, evitando práticas precoces e reducionistas que limitam a linguagem a um código de transcrição.

Quando não há clareza sobre essas práticas, corre-se o risco de adotar estratégias preparatórias exaustivas, que ignoram o desenvolvimento natural da criança. Ler e escrever, nessa etapa, deve ser parte de um processo contínuo e articulado com o cotidiano, promovendo o envolvimento ativo das crianças em situações de aprendizagem que façam sentido para elas. Assim, torna-se fundamental que os professores planejem atividades conectadas às experiências culturais das crianças, fomentando a criatividade e a curiosidade, e promovendo interações significativas com a linguagem escrita.

Contudo, como observa Gomes (2013), professores iniciantes nem sempre dispõem de uma formação inicial que os prepare para essa complexidade. A falta de apoio no início da carreira contribui para a dificuldade em planejar e conduzir práticas alinhadas às

demandas da Educação Infantil. Garcia (1999) e Huberman (1995) descrevem esse momento inicial como marcado pelo “choque com a realidade”, no qual as expectativas construídas na formação confrontam-se com os desafios práticos do cotidiano escolar. Huberman (1995) identifica essa fase como a de entrada na carreira, geralmente nos dois ou três primeiros anos, período de adaptação às exigências do trabalho docente e de descobertas sobre o exercício profissional.

A ausência de suporte sistemático e de uma formação que contemple as especificidades da infância compromete a construção de uma prática pedagógica sólida. Superar esses desafios implica investir tanto em formações continuadas quanto no fortalecimento do acompanhamento pedagógico nas instituições, que devem atuar como espaços de escuta, apoio e orientação para os educadores iniciantes.

Segundo Dias (1997 apud Gomes, 2013), o educador precisa conhecer profundamente a si mesmo e às crianças, além de dominar saberes culturais e científicos. Ainda segundo a autora, é necessário desenvolver uma postura crítica e política, compreender a ludicidade como forma legítima de aprendizagem e cultivar habilidades como a escuta, a reflexão e a articulação entre teoria e prática.

Considerar a infância como uma construção social e cultural (Sarmiento, 2005) também implica reconhecer as crianças como protagonistas de suas trajetórias. Assim, práticas pedagógicas que envolvem leitura e escrita devem ser sensíveis aos seus interesses, ritmos e modos de ser, ampliando as possibilidades de interação com o mundo letrado.

As propostas de leitura e escrita na Educação Infantil devem, portanto, partir do envolvimento ativo das crianças, integrando múltiplas linguagens e respeitando seus percursos. Como afirmam Brandão e Leal (2011, p. 13), é essencial propor situações nas quais as crianças vivenciem práticas de linguagem “sem que isso signifique desconsiderar suas necessidades e interesses”. Trata-se de ampliar oportunidades de interação com a escrita sem submeter as crianças a experiências convencionais ou desvinculadas de sua realidade.

Cabe, então, ao professor — iniciante ou experiente — planejar práticas intencionais que promovam a integração da leitura e da escrita ao cotidiano das crianças, de forma sensível e criativa. Essa tarefa demanda formação contínua, apoio institucional e, sobretudo, a valorização da singularidade de cada criança, em um processo educativo que fortaleça seu protagonismo e contribua para sua formação integral.



3 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que, segundo Lakatos e Marconi (2003), é apropriada para estudar fenômenos sociais de maneira profunda, investigando suas características, contextos e significados. Essa abordagem é especialmente adequada para compreender como professores em início de carreira experienciam o trabalho com a leitura e escrita na Educação Infantil, já que permite captar a complexidade dessas experiências, valorizando a subjetividade, os sentidos atribuídos e as interações que ocorrem no contexto escolar.

Além disso, a pesquisa é descritivo-exploratória, pois, de acordo com Lakatos e Marconi (2003), busca descrever os fatos ou fenômenos observados, identificando suas características e padrões. No contexto desta investigação, essa abordagem possibilita não apenas descrever as práticas de leitura e escrita desses professores, mas também explorar novos aspectos relacionados aos desafios, estratégias e potencialidades dessas práticas, ampliando o conhecimento sobre o tema e contribuindo para o debate acadêmico e prático na área da Educação Infantil.

O método utilizado foi a narrativa, conforme a concepção de Souza (2008), que entende que a

perspectiva de trabalho com as narrativas emerge do sentido de apreender as implicações pessoais e as marcas construídas na trajetória individual, através de relatos escritos, sobre as aprendizagens individuais/coletivas da profissão, considerando os significados exercidos [...] pelos professores, especificamente no que se refere a estruturação do discurso pedagógico e dos rituais produzidos no itinerário dos sujeitos (Souza, 2008, p. 97).

Esse método foi escolhido por sua capacidade de captar de forma aprofundada as vivências e as experiências pessoais das professoras em início de carreira, permitindo compreender como elas estruturam e significam o trabalho com a leitura e escrita na Educação Infantil. A narrativa possibilita, ainda, a análise das aprendizagens ao longo de suas trajetórias profissionais, revelando os desafios, as conquistas e os significados atribuídos a essas práticas no contexto de suas realidades pedagógicas.

O instrumento de produção de dados foi um questionário com perguntas abertas, elaborado e aplicado por meio da plataforma *Google Forms*. Apesar de seu formato online, o questionário possibilitou às participantes expressarem suas experiências individuais, explorando dimensões subjetivas e contextuais de suas trajetórias. Essa abordagem está



alinhada à perspectiva de Souza (2008, p. 92), que destaca que a narrativa "remete o sujeito a refletir sobre sua identidade a partir de diferentes níveis de atividades e registros".

As participantes foram selecionadas pelo tempo de trabalho (era necessário até 3 anos de experiência) dentre 12 professoras que responderam ao questionário divulgado em redes sociais, como WhatsApp e Instagram. O questionário incluiu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o sigilo das informações pessoais e o uso ético dos dados coletados. Ao final, a pesquisa contou com a participação de seis professoras iniciantes na Educação Infantil, atuantes em redes de ensino de municípios do Piauí, que se encontram nos primeiros anos de carreira.

Segundo Huberman (1995), a *entrada na carreira*, conhecida como período de "exploração", abrange os dois ou três primeiros anos de atuação e é marcada pela investigação dos contornos da profissão e pela experimentação de diferentes papéis. Esse processo pode ocorrer de forma sistemática ou consultada, apresentando maior ou menor grau de dificuldade e resultando em experiências satisfatórias ou frustrantes, dependendo do contexto vívido de cada professora. Quando essa fase é predominantemente positiva, ocorre a transição para o estágio de "estabilização", momento em que os profissionais passam a buscar o domínio das características do trabalho e o aprimoramento por meio da especialização.

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo. Segundo Bardin (2016), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas sistemáticas que permite tratar comunicações de forma objetiva e rigorosa, buscando inferências que revelem o significado dos dados coletados. Bardin (2016) define três etapas fundamentais para essa análise: pré-análise, que envolve a leitura apurada e minuciosa do material; exploração do material, momento em que os dados são categorizados e sistematizados; e tratamento, inferência e interpretação, quando os achados são analisados à luz do referencial teórico.

No presente estudo, a análise começou com uma leitura detalhada e atenta dos relatos das participantes selecionadas nos questionários. Em seguida, foi elaborado um quadro com as sínteses dessas narrativas, categorizando os principais temas e questões emergentes. Por fim, realizou-se uma análise interpretativa das sínteses, fundamentada em autores que dialogam com os temas investigados, contribuindo para uma compreensão de como as professoras em início de carreira experienciam o trabalho com a leitura e escrita na Educação Infantil.



4 EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS INICIANTES COM PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta seção, apresentamos a análise das narrativas das professoras iniciantes que participaram da pesquisa com base nas respostas aos questionários. As análises foram realizadas em consonância com os objetivos da pesquisa, utilizando a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), que orienta a organização e interpretação dos dados em categorias temáticas.

Com o objetivo de investigar como as professoras em início de carreira experienciam as práticas de leitura e escrita na Educação Infantil, as categorias emergentes foram estruturadas em torno dos objetivos específicos do estudo. A primeira categoria aborda as estratégias e atividades empregadas nas práticas de leitura e escrita, enquanto a segunda analisa as concepções das professoras sobre a importância dessas práticas no contexto da Educação Infantil.

Os dados analisados, portanto, não apenas evidenciam as experiências e reflexões das professoras iniciantes, mas também permitem compreender como o contexto da Educação Infantil impacta e orienta suas práticas cotidianas. Nos tópicos a seguir, cada categoria será examinada em profundidade, com destaque para narrativas mais representativas e sua articulação com o referencial teórico adotado.

4.1 Estratégias e atividades no trabalho com a leitura e a escrita na Educação Infantil

As práticas pedagógicas das professoras iniciantes na Educação Infantil refletem um cenário repleto de desafios e aprendizados, especialmente no que diz respeito às estratégias e atividades relacionadas à leitura e escrita. Quando convidadas a compartilhar as ações que consideram mais eficazes para qualificar suas intervenções pedagógicas nesse campo, suas falas revelam compreensões construídas a partir da experiência cotidiana com as crianças, atravessadas por intencionalidades que visam promover aprendizagens significativas.

As narrativas apresentadas demonstram o esforço das professoras em criar situações de leitura e escrita que envolvam as crianças de maneira sensível e engajada, evidenciando o compromisso em favorecer interações que vão além do simples contato com o código escrito. Essa abordagem converge com o pensamento de Soares (2006), ao defender a inserção da leitura e da escrita em práticas sociais com sentido para quem as



vivência. De forma semelhante, Brandão e Rosa (2011) e Araújo (2016) sublinham a importância de estratégias que despertem o interesse das crianças, ancoradas em contextos reais de uso da linguagem.

Um exemplo dessa intencionalidade aparece no relato da professora P1, ao afirmar:

Pedir para a criança escolher um livro de sua preferência e solicitar as que já sabem ler que incentivem aqueles que ainda não sabem. Contar histórias interessantes e inspirá-las sobre o conteúdo. Trazer um livro que elas gostam para a aula, promovendo a socialização em sala de aula por meio da roda de conversa (P1).

A fala revela um olhar atento às possibilidades de autoria e de protagonismo das crianças no espaço educativo. Ao valorizar a escolha do livro, promover a troca entre os pares e utilizar a roda de conversa como estratégia, a professora constrói um ambiente em que a leitura ganha contornos de prática coletiva e social. Tal condução dialoga com a concepção de Brandão e Rosa (2011), para quem o contato com a narrativa mobiliza não apenas a linguagem verbal, mas também os sentidos, a imaginação, a memória e os afetos. Nessas experiências, o papel docente se fortalece como mediador de encontros entre o texto e a criança, entre o ouvir e o dizer, entre o compreender e o criar.

Na mesma direção, a professora P4 compartilha: *“Nós chamamos de rodinha; é um momento de conversas, músicas e histórias. As crianças têm um contato direto com os livros, olham as imagens e as palavras”*. A proposta da rodinha, nesse caso, não apenas aproxima as crianças do universo dos livros, mas as convida a explorar os múltiplos sentidos da leitura por meio da escuta, da observação e da conversa. Brandão e Rosa (2011, p. 38) reconhecem a potência desses momentos ao afirmarem que “a roda é uma oportunidade para transitar entre diversas posições sociocomunicativas”, o que contribui diretamente para a ampliação das habilidades expressivas e do repertório cultural das crianças.

A professora P2, por sua vez, destaca a relevância da diversidade temática e estética dos livros utilizados: *“Explorar livros com temáticas variadas e com ilustrações coloridas e de núcleos fortes”*. Tal escolha, como aponta Araújo (2019), favorece a troca de impressões e o compartilhamento de experiências entre os pequenos, contribuindo para a formação de leitores críticos e sensíveis às múltiplas linguagens que permeiam o texto literário.

Essas experiências relatadas pelas professoras encontram respaldo em Leal e Silva (2011), ao enfatizarem que o contato com diferentes tipos de textos contribui para a familiarização com estruturas narrativas variadas e para o desenvolvimento de habilidades discursivas. Quando a leitura é seguida de uma escuta atenta e de conversas significativas,



como defendem Brandão e Rosa (2011), as crianças são instigadas a pensar sobre os sentidos da narrativa, a levantar hipóteses, a interpretar o texto e a reconstruí-lo com base em suas próprias experiências.

É o que demonstra a prática descrita pela professora P5:

Trabalho em uma turma de Maternal II, sempre gosto de ler a história, fazer encenações, contar a história utilizando fantoches. Considerado eficaz, pois percebo nas crianças um olhar de curiosidade e encanto. Quando ouvem a história, elas gostam e começam a recontar (P5).

O uso de recursos expressivos, como encenações e fantoches, não apenas intensifica o envolvimento das crianças com a história, mas também fornece elementos que favorecem a apropriação do texto por meio da linguagem simbólica. O encantamento provocado por esses recursos estimula o interesse em ouvir, imaginar e recontar. Nesse contexto, o reconto configura-se como uma estratégia poderosa para o desenvolvimento da oralidade, da capacidade de síntese e da reconstrução criativa da narrativa.

Além das estratégias interativas, a prática do reconto emerge como uma metodologia potente para a Educação Infantil, pois permite que as crianças se tornem protagonistas na construção de significados. O relato não apenas reforça a compreensão da história, mas também estimula habilidades como organização do pensamento, expressão oral e criatividade. Segundo Corsino (2012, p.61), “na relação entre narrador e ouvinte, criam-se laços afetivos, promovem-se encontros e diálogos, emergindo a dimensão expressiva da linguagem”.

Ao reconstruir narrativas, as crianças ampliam sua relação com o texto, apropriando-se de elementos estruturais, como personagens, enredos e cenários, enquanto desenvolvem autonomia para recriar e ressignificar as histórias a partir de suas próprias vivências. Essa abordagem incentiva uma relação afetiva e crítica com os textos, transformando a leitura em uma experiência ativa.

A professora P6 apresenta um projeto que ilustra bem esse tipo de prática:

Uma estratégia que utilizamos na escola onde atuo é o projeto de leitura que tem como tema “Quem conta um conto, alimenta um sonho”, onde a criança estuda um livro por 8 dias e leva para a escola para fazer o relato, uma vez que, ao passar por esse processo, a criança desperta o interesse pela leitura, desenvolve a imaginação e a criatividade (P6).

A proposta relatada promove a imersão das crianças no universo da leitura, ao permitir que explorem um mesmo texto ao longo do tempo, estabelecendo vínculos mais profundos com a história. O projeto também favorece a autonomia e incentiva o

protagonismo infantil ao proporcionar momentos de partilha e expressão das experiências leitoras. Corsino (2012) destaca que, ao recontar histórias, as crianças não apenas ampliam seu repertório, como também constroem sentidos sobre si e sobre o mundo. A mediação cuidadosa da professora nesse processo possibilita que a linguagem se torne um meio de construção da subjetividade e de fortalecimento dos vínculos sociais.

Para além das atividades de leitura, as professoras também relataram estratégias voltadas à escrita, como menciona a professora P3: *“Como atuo no maternal, a forma que eu utilizo para a escrita do nome é o alfabeto móvel, dinâmica da escrita no quadro e fichas”*. A proposta revela uma forma sensível de iniciar as crianças no universo da escrita, respeitando seu tempo e contexto de desenvolvimento. Girão e Brandão (2021) apontam que o trabalho com o próprio nome é uma das práticas mais eficazes na introdução ao sistema de escrita, uma vez que está diretamente ligado à identidade e à experiência pessoal da criança. No maternal, esse processo precisa ser conduzido de forma lúdica e significativa, em consonância com uma perspectiva de letramento que reconhece o sujeito como ativo na construção do saber.

As análises aqui desenvolvidas permitem observar que as práticas descritas pelas professoras iniciantes revelam uma compreensão progressiva do papel da leitura e da escrita como elementos estruturantes da experiência na Educação Infantil. Estratégias como rodas de leitura, reconto, uso de fantoches, projetos literários e atividades com o nome próprio se apresentam como caminhos viáveis e potentes para engajar as crianças de forma integral. Mais do que desenvolver habilidades linguísticas, essas ações promovem vínculos, despertam a imaginação e constroem significados que acompanham a criança para além dos muros da escola.

De acordo com Araújo (2016) e Girão e Brandão (2021), o trabalho com a linguagem escrita deve envolver as crianças em situações autênticas, que façam sentido para suas vivências e estimulem a participação ativa. As experiências relatadas neste estudo indicam que, quando há intencionalidade pedagógica e escuta atenta, é possível construir práticas que acolham a criança em sua inteireza. A formação inicial das professoras, nesse contexto, representa um suporte essencial para o fortalecimento de suas ações, contribuindo para que se sintam seguras em propor experiências que valorizem a linguagem como direito e como potência.



4.2 Concepções das professoras sobre a importância da leitura e da escrita na Educação Infantil

A importância das práticas de leitura e escrita na Educação Infantil é amplamente reconhecida por estudiosos como Soares (2009) e Girão e Brandão (2021), que destacam o papel central dessas experiências no desenvolvimento integral das crianças. Segundo Soares (2009), o contato precoce com essas práticas favorece a construção de habilidades cognitivas, linguísticas e sociais, além de promover uma relação afetiva e significativa com o universo da linguagem escrita. Com base nessas reflexões, buscamos compreender, a partir do olhar das professoras participantes da pesquisa, por que as práticas de leitura e escrita são consideradas fundamentais na Educação Infantil.

De modo geral, os relatos das docentes indicam uma compreensão sensível e comprometida com o papel dessas práticas no cotidiano pedagógico. As professoras destacaram que a leitura e a escrita promovem o desenvolvimento da comunicação e da socialização tanto no contexto escolar quanto no familiar. Atribuíram a essas atividades o potencial de despertar a curiosidade, estimular o gosto pela linguagem escrita, fortalecer vínculos afetivos e favorecer a autonomia das crianças. Também reconheceram que a leitura e a escrita contribuem para a ampliação do vocabulário, da imaginação e da visão de mundo. A fala da professora P5 sintetiza essa compreensão:

As práticas de leitura e escrita na Educação Infantil são de extrema importância para o desenvolvimento da criatividade e imaginação das crianças, sendo assim, práticas que auxiliam no despertar da leitura desde cedo, tornando possível formar crianças amantes da literatura. Essas práticas são capazes de contribuir significativamente no processo de alfabetização (P5).

A narrativa da professora P5 está em consonância com a perspectiva de Ferreira (1993 apud Brandão; Leal, 2011), ao apontar que muitas crianças iniciam seu percurso no mundo da escrita antes mesmo de ingressarem na escola, a partir de interações significativas com textos e situações sociais de letramento. Ao chegar à instituição, essas crianças dão continuidade a um processo já iniciado, mobilizando conhecimentos prévios e experiências construídas em seus contextos de vida. Isso reforça a ideia de que as práticas de leitura e escrita na Educação Infantil não apenas antecedem a alfabetização formal, mas constituem um terreno fértil para o desenvolvimento de múltiplas competências.

Contudo, como alertam Brandão e Leal (2011), nem todas as crianças têm acesso, em seus contextos sociais e familiares, a oportunidades de interação com práticas letradas. Nesse sentido, a Educação Infantil assume uma função social crucial: oferecer experiências



ricas e intencionais com a linguagem escrita, garantindo o direito de todas as crianças ao contato com diferentes textos, suportes e práticas culturais.

A professora P6 reforça essa perspectiva ao afirmar: *“A criança que inicia práticas de leitura na Educação Infantil tem grande probabilidade de chegar ao 1º ano do Ensino Fundamental lendo e, assim, aprimorar esse processo para que chegue ao 2º ano já letrada”*. Sua fala evidencia a importância de práticas pedagógicas planejadas e consistentes desde os primeiros anos escolares, capazes de favorecer o desenvolvimento contínuo da linguagem. Na mesma direção, a professora P3 enfatiza:

O estímulo da escrita e leitura na Educação Infantil é de suma importância, pois gera curiosidade nos alunos e os estimula a gostar dessas práticas. O estímulo da leitura e escrita na Educação Infantil pode formar um cidadão com o nível intelectual mais elevado, uma pessoa crítica e com opiniões próprias (P3).

Essa compreensão vai ao encontro do que afirmam Nogueira, Ferreira e Espíndola (2024), ao defenderem que o trabalho com leitura e escrita na Educação Infantil deve ser concebido como um processo integral, e não limitado à aquisição de habilidades técnicas. Para as autoras, trata-se de práticas sociais que envolvem as crianças em experiências significativas de linguagem, contribuindo para a construção de sentidos e para a expressão de diferentes formas de ser, pensar e sentir.

As falas das professoras indicam que, quando conduzidas de forma intencional e sensível, as práticas de leitura e escrita têm o potencial de promover não apenas o desenvolvimento cognitivo e linguístico, mas também a formação de sujeitos críticos, criativos e socialmente engajados. Como aponta a professora P2: *“É bastante importante para o aluno, pois é por meio da leitura e escrita que a criança consegue estabelecer uma melhor comunicação e socialização no ambiente escolar e familiar para, assim, construir sua visão com base na realidade”*.

As práticas de leitura e escrita, quando articuladas aos contextos sociais das crianças, tornam-se ferramentas potentes para a construção de vínculos, a compreensão de mundo e o exercício da cidadania desde a infância. Elas reafirmam a Educação Infantil como uma etapa essencial na consolidação de direitos e na promoção de experiências significativas de aprendizagem.

A professora P4 complementa essa visão ao afirmar:

A leitura na Educação Infantil é uma prática muito importante, pois contribui para o desenvolvimento da criança, como a autonomia e o fortalecimento de vínculos afetivos. A prática impacta no desenvolvimento, pois, na Educação Infantil, as crianças precisam se desenvolver de forma integral (P4).



Já a professora P1 enfatiza a relevância da participação ativa e constante das crianças no processo: *“Necessária, que só se aprende fazendo, praticando e participando do processo sempre”*.

Esses relatos reforçam a compreensão de que a leitura e a escrita devem ser vivenciadas pelas crianças em contextos que respeitem sua curiosidade, sua linguagem e suas formas de expressão, de modo a garantir um aprendizado efetivamente significativo.

Retomando as reflexões teóricas, Solé (2003, p. 75 apud Brandão; Leal, 2011, p. 20) ressalta que:

Não se trata de acelerar nada, nem de substituir a tarefa de outras etapas com relação a esse conteúdo (leitura); trata-se simplesmente de tornar natural o ensino e a aprendizagem de algo que coexiste com a criança, que interessa a elas, que está presente em sua vida e na nossa e que não tem sentido algum ignorar.

Essa perspectiva nos convida a olhar para a leitura e a escrita como práticas que fazem parte da vida das crianças e que, portanto, devem ser integradas de forma natural e respeitosa às suas experiências. Para que isso aconteça, é fundamental que os profissionais da Educação Infantil reconheçam a criança como um sujeito potente, ativo e produtor de cultura. Como destacam Girão e Brandão (2021, p. 41), a criança é um “sujeito potente, de fala e de ação, que interage com a cultura, interpretando-a e recriando-a através de sua maneira de ver o mundo, com elementos específicos de seu universo, da infância ou das infâncias situadas em diferentes tempos e espaços.”

Dessa forma, a Educação Infantil deve oferecer tempos e espaços que promovam interações significativas com a linguagem escrita e com outras formas de linguagem, respeitando a diversidade cultural e as singularidades de cada infância. Cabe à escola criar contextos em que a leitura e a escrita possam ser vividas como práticas culturais, sociais e simbólicas, que fortaleçam a expressão, a escuta, o diálogo e a autoria das crianças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou as experiências das professoras em início de carreira com o trabalho com a leitura e a escrita na Educação Infantil, evidenciando a centralidade dessas práticas no desenvolvimento integral das crianças. Os relatos das professoras participantes destacaram, de forma consistente, que a leitura e a escrita são fundamentais não apenas para a aquisição de habilidades técnicas, mas também para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças.



As concepções apresentadas permitirão compreender que as práticas pedagógicas relacionadas à leitura e escrita devem ser vistas como processos contínuos e significativos, que vão além da mera decodificação de palavras. Essas práticas envolvem as crianças de maneira ampla, por meio da criação de um ambiente rico em interações com diversas formas de linguagem e expressão.

As professoras reconhecem, ainda, que a Educação Infantil desempenha um papel essencial em garantir o acesso equitativo ao universo letrado, especialmente diante das desigualdades de oportunidades nos contextos familiares. A abordagem dos docentes reflete um compromisso com o desenvolvimento de uma visão crítica de mundo e a formação de indivíduos independentes, criativos e capazes de interagir de forma reflexiva com a sociedade.

Além disso, as concepções das professoras se alinham com as teorias contemporâneas sobre o letramento na primeira infância, como as de Soares (2009), Brandão e Rosa (2011), Araújo (2016), e Girão e Brandão (2021), dentre outros autores que defendem o caráter social e integral do processo de alfabetização. A leitura e a escrita são apresentadas não apenas como práticas preparatórias para a vida escolar, mas também como ferramentas essenciais para a vida em sociedade, ao ampliar a compreensão das crianças sobre o mundo e fomentar sua capacidade crítica, sempre respeitando as especificidades da infância.

Contudo, é importante ressaltar que a implementação eficaz dessas práticas depende de condições estruturais adequadas, como formação continuada para os professores, acesso a recursos pedagógicos e um ambiente escolar que favoreça a inclusão e o respeito às diversas culturas e realidades. Além disso, é fundamental proporcionar momentos de reflexão pedagógica, nos quais os professores possam analisar suas práticas, compartilhar experiências e identificar formas de aprimorar seu ensino.

Diante disso, este estudo aponta para a necessidade de políticas públicas que apoiem a formação docente e garantam que as práticas de leitura e escrita na Educação Infantil sejam eficazes, inclusivas e acessíveis a todas as crianças. Uma estratégia possível seria a implementação de mentorias e grupos de apoio pedagógico que possibilitasse o acompanhamento contínuo dos educadores, numa perspectiva de trabalho colaborativo.

Além das questões estruturais, as concepções das professoras sobre a importância da leitura e da escrita revelam uma compreensão profunda do papel dessas práticas no desenvolvimento das crianças. Isso evidencia a necessidade de abordagens pedagógicas intencionais e contextualizadas, que promovam o protagonismo infantil e respeitem a infância em sua singularidade. Outra estratégia importante seria o investimento em práticas



colaborativas entre professores e famílias, como projetos de leitura, capazes de fortalecer uma rede de apoio que valorize as experiências das crianças com a linguagem e favoreça a participação ativa de pais e responsáveis nesse processo.

Por fim, as práticas de leitura e escrita na Educação Infantil devem ser compreendidas como espaços de escuta e valorização das vozes e ações das crianças, reconhecendo-as como sujeitos ativos e criativos na construção de sentidos sobre o mundo. Além disso, o uso de tecnologias educativas, quando integrado de forma sensível e crítica ao cotidiano das crianças, pode ampliar as possibilidades de experimentação e expressão, contribuindo para práticas mais dinâmicas, participativas e comprometidas com a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. C. de. A escrita e sua base fonológica em contextos lúdicos e letrados na educação infantil. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 19, p. 1–17, 2023. DOI: 10.47249/rba2023730. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/730>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- ARAÚJO, L. C. de. Brincar com a linguagem: o papel da Educação Infantil no letramento e alfabetização. RIAEE – **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 11, n. esp. 4, p. 2325-2343, 2016. E-ISSN: 1982-5587. DOI: <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v11.n.esp4.9196>.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRANDÃO, A. C. P. Alfabetização e letramento na Educação Infantil: “ou isto ou aquilo”. In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (Orgs.). **Aprendizagem inicial da língua escrita com crianças de 4 e 5 anos**: mediações pedagógicas. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 19-35.
- BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (Org.) **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.7-12.
- BRANDÃO, A. C. P.; LEAL, T. F. Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa? In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (Orgs.) **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 13-31.
- BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (Org.). **Aprendizagem inicial da língua escrita com crianças de 4 e 5 anos**: mediações pedagógicas. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- CORSINO, P. A brincadeira com as palavras e as palavras como brincadeiras. In: CORSINO, P. (Org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas (SP): Autores Associados, 2012. p. 47-64.(Coleção educação contemporânea).



- GALVÃO, A. M. de O. Crianças e cultura escrita. *In: Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2016. 120 p. (Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil, v. 4).
- GIRÃO, F. M. P.; BRANDÃO, A. C. P. A leitura e escrita *das* crianças e *com* as crianças. *In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (Orgs.). Aprendizagem inicial da língua escrita com crianças de 4 e 5 anos: mediações pedagógicas*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 39-61.
- GOMES, M. de O. **Formação de professores na educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013. (Coleção Docência em Formação. Série Educação Infantil).
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. *In: NÓVOA, A. (Org.). Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995. p. 31-61.
- KRAMER, S. **Com a pré-escola nas mãos: educação infantil e política**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LEAL, T.F.; SILVA, A. da. Brincando, as crianças aprendem a falar e a pensar sobre a língua. *In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (Orgs.) Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.53-72.
- GARCIA, M. C. **A formação de professores: novas perspectivas fundamentadas na investigação sobre o pensamento do professor**. Porto: Porto Editora, 1999.
- NOGUEIRA, G. M.; FERREIRA, C. R. G.; ESPÍNDOLA, C. do S. Leitura e escrita na Educação Infantil: um tema polêmico e necessário. **Revista Brasileira de Alfabetização, [S. l.]**, n. 19, p. 1–18, 2023. DOI: 10.47249/rba2023726. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/726>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- SARMENTO, M.J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. *In: SARMENTO, M.J; PINTO, M. (Orgs.). A infância e a educação: teorias e práticas*. Porto: Edições ASA, 2005. p. 37-55.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed., 11 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 128p.
- SOUZA, E. C. de. História de vida, escritas de si e abordagem experiencial. *In: SOUZA, E. C. de; MIGNOT, A. C. V. (orgs.). História de vida e formação de professores*. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2008. p. 89-98.

